

NIETZSCHE E O ESTOICISMO: UMA CONTROVERSA RELAÇÃO

Bruno Alonso*

“Concepção mecanicista”: não quer nada a não ser quantidades: mas a força está na qualidade. A mecânica, portanto, pode descrever processos, mas não pode explicar (NIETZSCHE, A vontade de poder, III, 660).

Resumo: A inspiração de Nietzsche no estoicismo atravessa grande parte da sua obra. Há uma virada no seu pensamento, entre a década de 1870 e a de 1880, quando sua afinidade inicial com o estoicismo se converte em uma relação dúbia e questionadora. Em *Aurora* vemos a sua aspiração no estoicismo, sobretudo, em uma nítida confiança de que a ética estoica da indiferença concede meios efetivos para cuidarmos da saúde da alma. Nietzsche mergulha na atmosfera da filosofia helenística, onde filosofia e medicina se articulam mutuamente. Decerto o rigor da doutrina estoica o assombrou de maneira profunda. A voracidade da natureza e a crueza da realidade se anunciam com um ímpeto avassalador. *A Gaia Ciência e Além do bem e do mal* indicam a reconsideração crítica de Nietzsche. O preceito da *apatheia*, tão caro aos estoicos, é compreendido, então, como uma ilusão absurda. Embora incrédulo quanto a esse intento ambicioso, ainda assim, sua frequente interlocução com o estoicismo esconde uma relação ambígua e incerta. O *amor fati* de Nietzsche é uma concepção fundada no eterno retorno dos estoicos. Ele assume para si o propósito máximo de resignação perante o destino. Mas sua filosofia rompe com a ética da indiferença e com a noção estoica de que a natureza é governada por uma razão ordenadora. O *amor fati* é afirmado sob as sobejas paixões, em um mundo desordenado e sem finalidade.

Palavras-chave: Nietzsche, Estoicismo, Ética, Medicina, *Amor fati*.

Abstract: Nietzsche's inspiration in stoicism runs through much of his work. There is a turning point in his thinking, between the 1870s and the 1880s, when his initial affinity with Stoicism becomes a dubious and questioning relationship. In *The Dawn of Day* we see his aspiration in Stoicism, above all, in a clear confidence that the Stoic ethics of indifference grants effective means to care for the health of the soul. Nietzsche plunges into the atmosphere of Hellenistic philosophy, where philosophy and medicine articulate each other. Surely the rigor of the Stoic doctrine haunted him deeply. The voracity of nature and the rawness of reality are announced with an overwhelming impetus. *The Gay Science* and *Beyond Good and Evil* indicate Nietzsche's critical reconsideration. The precept of *apatheia*, so dear to the Stoics, is then understood as an absurd illusion. Although skeptical of this ambitious intent, yet his frequent interlocution with Stoicism conceals an ambiguous and uncertain relationship. Nietzsche's *amor fati* is a conception founded in the eternal return of the Stoics. He assumes for himself the ultimate purpose of resignation before fate. But his philosophy breaks with the ethics of indifference and the Stoic notion that nature is governed by an ordering reason. *Amor fati* is affirmed under the exalted passions, in a disordered and aimless world.

Keywords: Nietzsche, Stoicism, Ethics, Medicine, *Amor fati*.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (PFI). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF). E-mail: brunoalonso@id.uff.br

O MÉRITO DO ESTOICISMO E O CUIDADO COM A ALMA

Nietzsche estabeleceu uma estreita relação com o estoicismo em meados da década de 1870. Estimulado pela visão de mundo helenística, fundamentada em uma afinidade vital entre filosofia e medicina, ele se sente atraído pelo pensamento estoico acerca da saúde da alma. A obra *Aurora* revela traços da sua sinergia com o estoicismo.

“Confia nos teus sentimentos”. Mas os sentimentos não são nada definitivo, nada originário; atrás dos sentimentos estão as razões e as apreciações que nos foram transmitidas em forma de sentimentos (predileções, antipatias). A inspiração que dimana de um sentimento é nota de um juízo – muitas vezes de um juízo errôneo! – e, em todo o caso, de um juízo que não nos é pessoal (NIETZSCHE, 2017, pp. 34-35).

Nietzsche assume para si o princípio estoico de que as paixões são juízos errôneos sobre coisas indiferentes. O que indica uma certa convicção nos ideais da *apatheia* (ausência de paixões) e da indiferença em relação aos acontecimentos que estão além do nosso controle. As paixões derivam de juízos que quase sempre nascem de impressões enganosas. Ele enfatiza, portanto, o aspecto espúrio das paixões, fundadas em opiniões distorcidas sobre a realidade.

Tranquilizar a imaginação do enfermo para que não sofra até então com as ideias que ele concebe de sua enfermidade mais que com a própria enfermidade, eu creio que isto já é algo! E não é pouco! Compreendeis agora o nosso dever? (NIETZSCHE, 2017, p. 45).

Nietzsche problematiza a importância do cuidado com o estado psíquico do enfermo. A dimensão passional, tem o potencial de desencadear um sofrimento superior ao provocado pelos sintomas triviais da doença. A filosofia não indica meios factuais para se alcançar a cura de uma doença. Ela atenta para a maneira como lidamos e reagimos aos reveses da doença. Os sintomas e os consequentes danos físicos nem sempre podem ser remediados.¹

¹ De acordo com Nietzsche, em *Aurora*, o esforço intransigente de se buscar uma cura miraculosa para as doenças, ao invés de providenciar um recurso terapêutico, agravou o quadro geral da saúde dos homens: “Os meios de consolo são os que têm emprestado à vida esse caráter completamente miserável no qual se crê agora; a mais grave enfermidade dos homens tem sua origem na luta contra as enfermidades, e os remédios aparentes produziram males na luta contra as enfermidades, e os remédios aparentes produziram males mais desagradáveis do que aqueles que por meio deles se queria remediar. Por ignorância se consideravam os remédios estupefacientes e deformadores que agem imediatamente, o que se tem chamado consolos, como meios curativos propriamente ditos. Nem sequer se notava que este alívio imediato se pagava logo com uma alteração da saúde, profunda e geral, que os enfermos sofriam dos efeitos da embriaguez depois da abstenção da embriaguez e finalmente de um sentimento de inquietação, de opressões, de tremores nervosos e de mal-estar geral. Quando a enfermidade atingia a certo ponto, não se obtinha a

Entretanto, aquilo que se pensa sobre a doença esconde um grave perigo de acentuar o sofrimento. É possível vislumbrar certa perspectiva estoica nas entrelinhas desta passagem. O propósito da filosofia é cuidar da disposição anímica, é vencer os fantasmas da imaginação que assombram o doente com a expectativa do sofrimento vindouro.

Não há, hoje, profissão que admita um tal avanço como a do médico; sobretudo depois que os médicos do espírito, os chamados ‘pastores de alma’, não podem mais exercer com aprovação pública suas artes de conjuração, e que são evitados pelos homens cultos. Um médico não alcançou ainda a alta formação intelectual, quando conhece e pratica os melhores métodos atuais e sabe fazer essas rápidas deduções das causas pelos efeitos, que tornam famosos os diagnosticadores: ele deve, além disso, ter uma eloquência que se adapte a cada indivíduo e que lhe atinja o coração; uma virilidade cuja simples visão afugente a pusilanimidade (a carcoma de todos os doentes); uma flexibilidade diplomática ao mediar entre os que necessitam de alegria para a cura e os que, por razões de saúde, devem (e podem) dar alegria; a sutileza de um agente policial ou advogado, que entende os segredos de uma alma sem delatá-los – em suma, um bom médico requer atualmente os artifícios e privilégios de todas as outras classes profissionais: assim aparelhado, estará em condição de tornar-se um benfeitor de toda a sociedade, fomentando as boas obras, a alegria e fecundidade do espírito, desestimulando maus pensamentos, más intenções e velhacarias (cuja fonte asquerosa é com frequência o baixo-ventre), instaurando uma aristocracia de corpo e de espírito (ao promover ou impedir matrimônios), eliminando com benevolência todos os tormentos espirituais e remorsos de consciência: apenas assim o ‘curandeiro’ se transforma em salvador, sem precisar fazer milagres nem se deixar crucificar (NIETZSCHE, 2000, p. 102).

Em *Humano Demasiado Humano*, Nietzsche argumenta que os médicos do futuro deverão ser hábeis e versáteis em entrever as necessidades do enfermo. Um médico excelente não se define por ser um profundo conhecedor da fisiologia dos corpos, perito nos métodos diagnósticos e proficiente nos tratamentos vigentes em seu tempo. Um médico realmente capacitado, detém a destreza e a perspicácia para se comunicar, um olhar penetrante que enseja um verdadeiro cuidado com as carências do seu paciente.

Dizeis que a moral da com-paixão é mais alta que a moral do estoicismo? Provai-o! Mas notai bem que, sobre aquilo que é superior e inferior em moral, não há o que decidir segundo medidas morais, pois não há moral absoluta. Buscai, pois, noutras partes, vossas medidas, e tende cuidado convosco! (NIETZSCHE, 2017, p. 104).

O estoicismo preconiza o tolhimento da compaixão. Não se trata, porém, de dignificar uma atitude de frieza pelo sofrimento daqueles que nos cercam. O malefício está em ceder ao sofrimento alheio, julgá-lo como um mal e contraí-lo para si. A questão levantada é o caráter nocivo da compaixão, a precaução em não sucumbir aos infortúnios estrangeiros.

cura; os médicos da alma velavam por ele, esses médicos geralmente acreditados e venerados” (NIETZSCHE, 2017, pp. 44-45).

Nietzsche enobrece o pensamento estoico, em uma crítica contundente à moral cristã que professa a virtude da compaixão.

A meta definitiva da ciência seria produzir o máximo prazer possível e o mínimo desprazer possível ao ser humano? Mas como, se prazer e desprazer estão ligados por um cordão de tal forma que, aquele que quiser ter o máximo possível de um também será obrigado a ter o máximo possível do outro – aquele que quiser aprender o “júbilo dos céus” também deverá manter-se preparado para a “tristeza mortal”? E talvez as coisas sejam assim mesmo! Ao menos os estoicos acreditam que as coisas são assim, e foram consequentes ao cobiçarem pouco prazer para obterem um mínimo de desprazer na vida (NIETZSCHE, 2016, p. 74).

Prazer e dor estão entrelaçados em um elo indissociável. É a tragicidade da existência humana que Nietzsche confia em *A Gaia Ciência*. Não há um sem o outro. Quanto maior o prazer, maior a dor. De que vale maximizar os prazeres, se junto despontarão desprazeres pungentes?² Nietzsche argumenta que os estoicos receiam o prazer por compreenderem a sua duplicidade. Os estoicos, pensa ele, buscam de toda forma se libertar da predisposição ao prazer, como uma estratégia para obstar os sofrimentos.

UM ESTOICO FRUSTRADO

Em *A Gaia Ciência e Além do bem e do mal*, a desilusão de Nietzsche em relação à terapêutica das paixões se evidencia. O filósofo da década de 1880 parece reticente quanto ao preceito estoico da *apatheia*. Como não ser aturdido pelo *páthos*? Que estado da alma é este, em que se vive imune aos afetos? A ética nietzscheana presume que as paixões são incontornáveis e vitais para os homens: “[...] a vontade de poder é a forma de afeto

² A doutrina cirenaica de Aristipo talvez recaia nesta armadilha que Nietzsche previne. O enfoque da questão pende de certo modo para o epicurismo, uma filosofia que cultivava a simplicidade do prazer, para evitar sofrimentos maiores. Contudo, em um excerto de *A vontade de poder*, Nietzsche faz uma clara referência ao epicurismo. Ele critica a noção epicurista de que o primeiro impulso que move os homens é procurar o prazer e evitar o sofrimento. O que os homens buscam é aumentar a sua força, expandir o seu poder. Prazer e sofrimento são simples consequências irredutíveis desta busca: “O homem não procura o prazer e não evita o desprazer: entende-se que famoso preconceito eu contradigo com isso. Prazer e desprazer são meras consequências, meras manifestações acompanhantes – o que o homem quer, o que cada mínimo pedaço de um organismo vivo quer é mais poder. No ansiar por isso, segue-se tanto prazer como desprazer; a partir daquela vontade ele procura resistência, necessita de alguma coisa que se oponha. Portanto, o desprazer, como obstáculo de sua vontade de poder, é um fato normal, o ingrediente normal de cada acontecer orgânico, o homem não se esquiva desse obstáculo; tem, antes, necessidade constante dele: cada vitória, cada sentimento de prazer, cada acontecer pressupõe uma resistência superada” (NIETZSCHE, 2008, p. 354).

primitiva, todos os outros afetos são apenas configurações suas” (NIETZSCHE, 2008, pp. 348-349). O que move os homens é a vontade de poder, uma disposição passional, muito distante do caráter nirvânico do estoicismo. A vontade de poder é o instinto primevo, uma pulsão indomável de aumentar as próprias forças e expandir seu poderio sobre terceiros.³

Quereis viver “segundo a Natureza?” Que equívoco de palavras, ó nobres estoicos! Imaginai um ser como é a Natureza, infinitamente pródiga, infinitamente indiferente, sem intuito nem consideração, sem piedade nem justiça, ora fecunda ora estéril, sempre incerta; imaginai a indiferença convertida em potência: como podereis viver segundo esta indiferença? (NIETZSCHE, 2014, pp. 17-18).

Além do bem e do mal testemunha um agravamento do desencanto de Nietzsche com o estoicismo. A doutrina da indiferença parece um designio irrealizável, uma ficção que desconsidera o inexpugnável instinto dos homens. Se os estoicos pretendem viver conforme à natureza, raciocina Nietzsche, precisam, afinal, incorporar o furor da sua potência. Ser indiferente ao que não está sob seu próprio controle, é um disparate contra a força arrebatadora da natureza. Para ele a natureza é uma potência ativa que interrelaciona todas as coisas.

[...] nós, os últimos estoicos, permaneceremos duros e dedicaremos todo o nosso desdém às coisas néscias e incertas, nosso *nitimur in vetitum*, nossa temeridade de aventureiros, nossa curiosidade aguerrida e viciosa de dominar o mundo (NIETZSCHE, 2014, p. 148).

A convicção ética dos estoicos, de dominar a si mesmo contendo o ardor das paixões, parece uma meta ineficaz. Embora haja uma inegável ruptura com os preceitos da doutrina, perdura, no percurso das suas obras, uma interlocução solene com o estoicismo. Por trás de uma aparente descrença no estoicismo, reside em Nietzsche uma vã esperança de superar a si mesmo e talvez encarnar, ainda que em um raro e fugidio momento, a remota virtude estoica.

³ A obra póstuma de Nietzsche, *A vontade de poder*, é uma compilação de fragmentos escritos durante a última década da sua vida. São textos que revelam uma concepção muito singular acerca da natureza e dos homens. A pulsão primitiva que move todas as coisas é a vontade de poder. Nietzsche rejeita a *oikeiôsis* dos estoicos, preceito que implica na noção fundamental de que o instinto humano básico é a autopreservação. A indiferença estoica, a qual ele se refere como “*adiaforia*”, é, na sua interpretação, uma expressão da vontade de poder, tanto para exercer sua própria força sobre outrem, quanto para resistir ao domínio alheio: “Indica-se uma quantidade de poder pelo efeito que ela exerce e ao qual ela resiste. Falta a *adiaforia*: que seria em si pensável. Ela é essencialmente uma vontade de domínio e de defender-se contra um domínio. Não há autoconservação” (Nietzsche, 2008, p. 324). Os afetos não são, nesta perspectiva, desvios do juízo e tampouco passíveis de serem controlados: “A vontade de poder não é um ser, não é um devir, mas sim um *páthos* esse é o fato mais elementar do qual, primeiramente, resulta um devir, um atuar...” (NIETZSCHE, 2008, p. 325).

E finalmente, no que diz respeito à receita de todos esses médicos da alma e sua recomendação de uma terapêutica dura e radical, permito-me perguntar se esta nossa vida realmente é dolorosa e difícil o suficiente, para a trocarmos, com vantagem, por um modo de vida estoico e petrificado? Não estamos nos sentindo tão mal assim a ponto de sermos obrigados a nos sentir mal de uma forma estoica! (NIETZSCHE, 2016, p. 315).

Nietzsche é um aficionado pelo passado cultural da tragédia grega antiga. Ele contempla a beleza da poesia trágica, formadora de nobres espíritos, dignos de vivenciar o valor existencial das paixões e o caráter inelutável da vida. O moralismo dos filósofos, renunciado por Sócrates, racionaliza a vida e suprime os impulsos naturais. Acusa os estoicos de serem “pseudomédicos”, por proporem uma espécie de cura coletiva para os homens, mediante práticas terapêuticas com uma suposta validade universal. Segundo a perspectiva nietzscheana essa busca quimérica é fruto de um devaneio ruinoso.

O AMOR FATI DE NIETZSCHE E O ETERNO RETORNO DOS ESTOICOS

Como seria se um dia ou uma noite um demônio se intrometesse na sua mais solitária solidão, e dissesse: “Você terá de viver mais uma vez, e inúmeras vezes mais, esta mesma vida, como a que vive agora e viveu, e não haverá nada de novo nela; porém, cada dor e cada prazer, cada pensamento e cada suspiro, e tudo indizivelmente pequeno e grande de sua vida voltará para você, na mesma sequência e ordem” (NIETZSCHE, 2016, pp. 335-336).

Nessa célebre passagem de *A Gaia Ciência*, Nietzsche proclama o *amor fati*, uma reverência incondicional ao destino. Todos os eventos na natureza são imperiosos e inevitáveis. O *amor fati* exige resignação, é o desafio ético de estimar os acontecimentos que nos envolvem, independentemente de como sucedam. O *amor fati* é concebido sob uma intensa inspiração no estoicismo, no laço indesatável entre eterno retorno e determinismo.

The question remains, therefore, if and in what respect Nietzsche's doctrine of eternal recurrence establishes a rival, counter-Stoic philosophical therapy - that is, if and how it achieves his goal of enabling human beings to affirm life/fate without extirpating the value judgements that underpin the passions. Nietzsche claims that his philosophical therapy is antithetical to those therapies that work by cultivating insensibility or simply through the adoption of the premise that external goods belong to the class of mere indifferents (human Stoicism), the form of therapy he adopted in the late 1870s. Rather, in GS Nietzsche believes that the spiritual exercise of eternal recurrence can transform us so that we can unconditionally affirm fate, which is precisely the aim of cosmic Stoicism. Yet he also implies that he goes beyond this cosmic version of Stoicism by showing that it is possible to affirm the eternal recurrence without this affirmation turn

on the eradication of the passions. In order to justify this supposition Nietzsche would have to show that the thought of eternal recurrence somehow makes it possible to affirm all events without eradicating the high valuations of external goods that underpin our emotions, without, that is, hinging on apatheia. Of course, Nietzsche understood himself to be advocating a practical attitude or way of life that set him poles apart from the Stoic recommendation of the untroubled existence (ataraxia) (URE, 2009, p. 77-78).

Ure critica a abordagem nietzscheana a respeito do eterno retorno. Nietzsche se baseia na lógica determinista, de que tudo ocorre por força da necessidade, propondo, assim como os estoicos, uma submissão irrestrita ao destino. No entanto, rejeita a ética da indiferença pelas paixões, preceito primordial para a finalidade estoica de viver em sintonia com o destino. É plausível ser apoderado e exaurido pelos eventos do mundo exterior, desfrutar e padecer deles, e, a despeito disso, viver sob a égide do *amor fati*? Exercitar a *apatheia* e cultivar a *ataraxia* (tranquilidade da alma) não seriam, então, requisitos para se conformar com os ditames do destino? Para Nietzsche o *amor fati* pode ser vivenciado em meio às intensas paixões que assolam a alma. Ure questiona a suposta originalidade da concepção nietzscheana, por não haver um esclarecimento preciso de como o filósofo viveria conforme uma absoluta resignação ao destino.

[...] o caráter geral do mundo é o caos, em toda eternidade, não no sentido da ausência de necessidade, mas da ausência de ordem, articulação, forma, beleza, sabedoria ou como se chamam todas as nossas humanidades estéticas. [...] Tenhamos cautela ao dizer que há leis na natureza. Só há necessidades: nela não há ninguém dando ordens, ninguém obedecendo, ninguém infringindo a lei. Sabendo que não há objetivos, vocês saberão também que não há acaso, pois a palavra “acaso” tem sentido apenas para um mundo de objetivos (NIETZSCHE, 2016, p. 194).

Nietzsche rejeita a premissa de que existe uma ordem racional na natureza, noção que é tão cara aos estoicos. O mundo se apresenta como uma paisagem nebulosa, obscura para os nossos olhares e fortuita para o nosso discernimento. Não há leis universais na natureza, desvendáveis pelos homens. A natureza, presume Nietzsche, é visceralmente caótica. Não há finalidade para os fatos, mas apenas o movimento do caos. É a teleologia metafísica que identifica um objetivo final para os eventos que movem a natureza. Se não há *télos* na natureza, nada transcorre por acaso. O acaso só ganha sentido em um mundo de objetivos conflitantes e excludentes. Nietzsche conclui que todos os acontecimentos são necessários, irremissíveis, impelidos pelas forças titânicas da natureza que extrapolam a diminuta compreensão dos homens.

“Só o círculo do Eterno Retorno ‘salva’ o caos do não-sentido e inversamente o caos salva o mundo da armadilha da finalidade racional e moral” (HAAR, 1998, p. 24). Haar avalia

que eterno retorno e caos contrapesam as tensões que enredam o *amor fati* nietzscheano. O caos não se efetiva na desordem absoluta, mas por força do eterno retorno, porque a natureza segue um ciclo em que tudo se repete no decurso da eternidade. O caos rompe com a presunção de que existe uma moral universal e de que há uma razão imanente à natureza, de modo que o eterno retorno é avistado como uma sombra turva que sempre nos acompanha. O caminho de Nietzsche até a declaração do *amor fati* é *sui generis*.

Excluída a precedência metafísica e a resolução moral, qual certeza resta aos homens? “Se abstraímos o ideal ascético, vemos que o homem não teve até agora finalidade alguma. A sua existência sobre a terra carece de objetivo” (NIETZSCHE, 2017, p. 171). Em *Genealogia da moral*, Nietzsche reflete sobre a tragicidade da existência humana. Não há designio para a vida, lançada no mundo, perdida, sem qualquer direção.

O MÉDICO DA CULTURA

Contudo, será realmente médico o sacerdote ascético? [...] Não combate senão a dor, o mal-estar, e não a causa do doente, não o estado mórbido em si; esta é a nossa maior queixa contra tal medicina sacerdotal (NIETZSCHE, 2017, p. 142).

Os médicos ascetas podem ser identificados com Sócrates, os estoicos e os filósofos cristãos. Nietzsche revela seu mais profundo pessimismo em relação às suas ideias. Extirpar as paixões da vida não preserva a saúde, mas, longe disso, afasta o homem da sua própria natureza. Em *Genealogia da moral*, ele repudia a pretenciosa medicina sacerdotal. A medicina legítima, de veras capaz de curar os males dos homens, é a que concerne à cultura.⁴ Esse talvez seja o ponto de maior atrito com o estoicismo. Para Nietzsche os estoicos se embasam em uma noção antinatural da cultura.⁵

⁴ Frezzatti destaca que o caminho da crítica de Nietzsche ao charlatanismo dos médicos da alma, culmina em uma esperança nos médicos da cultura: “Nietzsche propõe a necessidade de um médico filosófico para cuidar da cultura, o qual seria antagonista do médico de almas da tradição estoica ou epicurista. Estes médicos são considerados pelo filósofo alemão como charlatães” (FREZZATTI, 2018, p. 188).

⁵ “Opiniões recentes” (*fresh opinions*) são juízos que fazemos sobre nossas paixões. Para os estoicos, as paixões já nascem como juízos conscientes. Na interpretação de Nietzsche, os estoicos veem o estímulo à transformação dos juízos pela ingerência da cultura, como um ardil a ser evitado. Chouraki comenta que Nietzsche recusa a ideia de que a cultura é artificial e apartada da fluidez da natureza: “[...] Nietzsche shows that the narrow sense of nature which he attributes to the Stoics involves a rejection of cultural agency and a commitment to the metaphysical prejudice that culture is neither natural nor continuous with nature. The

As diferentes civilizações são climas intelectuais, cada um dos quais é particularmente prejudicial ou salutar a esse ou àquele órgão. Visto que é em seu conjunto a ciência das diferentes culturas, a história é a ciência dos remédios, mas não a própria terapêutica. É por isso que é necessário um médico que utilize essa ciência dos remédios para enviar cada um no clima que lhe é particularmente salutar – por um período somente ou até para sempre. Viver no presente, no seio de uma única civilização, não é suficiente como prescrição universal, muitas espécies de homens infinitamente úteis que não podem respirar ali pereceriam. Com a ajuda dos estudos históricos, deve-se dar-lhes ar e procurar conservá-los (NIETZSCHE, 2007, p. 96).

Como se pode constatar em *O viajante e a sua sombra*, o médico da cultura seria alguém que aprecia a história e compreende os ciclos de ascensão e decadência da cultura. Seu remédio é o que há de saudável e doentio nas culturas, atuando como um explorador da história que a maneja em proveito do doente.

Nietzsche se distanciou do estoicismo, mas se manteve preso ao pensamento helenístico que alia filosofia e medicina. Diz o filósofo, em *Assim falou Zaratustra*, palavras que o posicionam, outra vez, lado a lado com os estoicos: “Médico, ajuda-te a ti mesmo: assim ajudarás também teu doente. A melhor ajuda para ele é ver com os próprios olhos aquele que faz bem a si próprio” (NIETZSCHE, 2019, p. 81).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOURAQUI, Frank. *Nietzsche and the Stoic Concept of Recent Opinions*. The European Legacy, Vol. 24, Nº 6, pp. 597-616, 2019.

FREZZATTI, Wilson. *A fisiopsicologia de Nietzsche: o diagnóstico e a elevação da cultura como tarefa do médico filósofo*. Discurso, Vol. 48, Nº 2, pp. 187-199, 2018.

HAAR, Michel. *Vida e totalidade natural*. Tradução de Alberto Onate. Cadernos Nietzsche 5, pp. 13-37, 1998.

NIETZSCHE. *A Gaia Ciência*. Tradução de Inês Lohbauer. São Paulo: Editora Martin Claret, 2016.

_____. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Fernandes e Francisco José de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

idea of recent opinions was first introduced to settle the question of the demarcation between nature and non-nature in the context of emotional life. The stigma attached to the deliberate refreshing of opinions (objectionable as hubristic and counter-natural) leads to a stigma on culture whereby it is regarded as unnatural as well” (CHOURAKI, 2019, p. 609).

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Mário dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Gabriel Silva. Porto Alegre: L&PM, 2019.

_____. *Aurora*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Mário dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Humano demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia de Bolso, 2000.

_____. *O viajante e a sua sombra*. Tradução de Antônio Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

URE, Michael. *Nietzsche's free spirit trilogy and stoic therapy*. *Journal of Nietzsche Studies*, N° 38, pp. 60-84, 2009.
